



www.observatoriogeogoiias.com.br

Publicado originalmente em: Texto mimeo gentilmente cedido pelo autor. 2006

O TERRITÓRIO GOIANO-TOCANTINENSE NO CONTEXTO DO TERRITÓRIO DO CERRADO

Antônio Teixeira Neto – UFG / netomap@hotmail.com

NOTA – Este artigo pouco tem de formal, porque, no conjunto, ele foge aos padrões de redação acadêmica. Ele resulta primeiramente de algumas observações teóricas que fiz sobre o espaço goiano-tocantinense no tocante as suas paisagens naturais, históricas e sócio-culturais quando de leituras e releituras de obras históricas, geográficas e literárias que falam de Goiás e do Tocantins e da região do cerrado. Em segundo lugar, ele resulta também de anotações quando de minhas andanças pelo território goiano, ou mais precisamente, pelo território do cerrado, tanto em Goiás, como no Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Desde criança que guardo imagens fortes do cerrado e de suas paisagens enfeitadas de cores vivas e de bichos em liberdade e também de acontecimentos dolorosos, como, para citar o mais chocante deles, os das queimadas. Dentre as obras históricas lidas, a que mais me inspirou e que, na verdade, me levou modestamente a imitá-la, foi A Identidade da França, o último legado histórico e cultural de Fernand Braudel. Fui vizinho dele em Paris e cheguei a freqüentar a sua imensa biblioteca, ocasião em que folheando suas obras, pude constatar o que poucos historiadores fizeram: um casamento perfeito entre a História e a Geografia, principalmente em seu livro mais famoso e mais conhecido – O Mediterrâneo e mundo mediterrâneo à época de Felipe II. Mas, não foi apenas pelo fato de se tratar de um historiador com quem tive algum contato pessoal e pelas fortes ligações pessoais e acadêmicas que ele teve com o Brasil – ele foi um dos fundadores da USP nos anos 1930 –, que me levaram a realizar este trabalho, mas, principalmente, por se tratar de um historiador que deixou aquelas belas lições de geografia que devem existir em toda e qualquer lição de história. Braudel não fez isto apenas quando escrevia sobre seu país, mas



www.observatoriogeogoiias.com.br

também sobre outros países. Em sua última obra ele interroga constantemente sobre o papel do meio geográfico na construção dos países e nações, perguntando: “teria a geografia inventado a França”?

Pretenciosamente, pergunto também se Goiás não teria sido inventado por esse meio climato-botânico, único e original, chamado Cerrado? É o que gostaria de responder ao reunir essa série de anotações. Oxalá um dia, elas venham à luz sob a forma de, quem sabe, uma certa Identidade de Goiás. Este artigo, em que evoco alguns aspectos histórico-geográficos do território goiano-tocantinense no contexto desse grande bioma chamado Cerrado, não deixa de ser uma espécie de introdução a este projeto em maturação. Muitas passagens dele constam também do livro *Geografia: Goiás-Tocantins*, escrito a seis mãos por mim juntamente com os colegas Horieste Gomes e Altair Sales Barbosa. A meu ver, o estilo informal como ele foi escrito é também uma maneira de se fugir um pouco do rigor com que muitas pesquisas acadêmicas são realizadas. Muitas das passagens e dos relatos aqui mencionados foram vivenciados por mim, como, dentre outros, as queimadas a que me referi logo acima, e que me inspiraram, meio século mais tarde, a rememorar-las sob a forma de um permanente lamento sobre o que está acontecendo com o nosso principal bioma.

As diferentes paisagens do cerrado

“Pegar a estrada e, com os próprios olhos, inventariar essa diversidade” (Fernand Braudel)

Ao percorrer o espaço, observando a paisagem, deve-se estar atento às mudanças expressivas tanto do relevo, quanto da vegetação; tanto do clima, quanto da ocupação humana. Deve-se parar, observar atentamente, assinalar as rupturas, ou seja, as zonas fronteiriças. Procurar a divergência, o contraste, a mudança, a fronteira. Diante da televisão, ao assistir um filme sobre a vida de um administrador da cozinha da corte de Luís XIV, de nome Vatel, uma frase dita por ele, ao dar o toque final a uma sobremesa recém-preparada para o banquete a ser servido, aguçou a minha imaginação de cartógrafo, geógrafo e de historiador – “harmonia e contraste, eis os dois elementos fundamentais de toda beleza” –, à qual eu acrescentaria sem muita pretensão, “harmonia (homogeneidade) e contraste, eis os dois elementos de toda paisagem natural ou humana que devem ser levados em conta em toda consideração do espaço geográfico”. Esta oposição, ou melhor, estes dois



www.observatoriogeogoiias.com.br

elementos fundamentais das realidades históricas e geográficas de um povo ou de um país serão constantemente levados em conta ao longo deste trabalho.

Braudel, viajante incansável, observa que, em um espaço qualquer, a noção de fronteira, portanto, de ruptura da homogeneidade do espaço, em regiões de pequenas dimensões, nos parece totalmente artificial, mas não é. O historiador Hervé Phillipetti, citado por Braudel, observa que “é precisamente dentro da paisagem de suas atividades cotidianas que os agricultores podem traçar tais limites: para além do pequeno riacho, depois da mata, abaixo da encosta, é outra região que começa”. Poderíamos dizer a mesma coisa sobre a diversidade do nosso território – no pé da serra, no topo do chapadão, no fundo dos vales –, porque esta é uma das maneiras mais simples e mais úteis para a inteligência da geografia, ou seja, para, em linguagem comum, se situar e se delimitar um pedaço de chão, uma área qualquer em nosso espaço geográfico. Cada sítio, cada micro-paisagem tem especificidades que lhe conferem uma certa originalidade: a umidade permanente dos terrenos de várzeas e varjões, a temperatura amena nos baixadões alagados, os capões sempre verdes e bastante arborizados nos relevos típicos das chapadas, os terraços férteis formados de depósitos aluviais, etc. Essas paisagens são para Braudel verdadeiros invólucros que se inscrevem no interior de vastos territórios, tendo cada um deles seu papel na vida social, econômica e cultural dos povos. Seja na grande região (Vão do Paranã, Vale do Rio Meia Ponte, Mato Grosso de Goiás, Sudoeste Goiano, Bico do Papagaio e Jalapão, no Tocantins, no Chapadão Ocidental do São Francisco, que os habitantes locais chamam de Gerais), seja no grande estado ou na enorme Nação, são essas pequenas paisagens diferenciadas que muitas vezes explicam os modos de organização não apenas do espaço, mas de todas as atividades humanas que aí se desenvolvem.

O cerrado versus o mato grosso

Atualmente, são as zonas de cerrado o hábitat preferido da expansão das novas fronteiras econômicas lá onde esse bioma domina a paisagem, mas que têm como pontos de apoio os velhos arraiais do ouro e os antigos povoados dos fazendeiros dos séculos passados, que hoje viraram cidades. Esse avanço em direção ao cerrado se dá como se fosse uma disputa entre dois ambientes que se opõem, pelo menos geomorfologicamente: o vale, onde em geral viceja o mato grosso (a floresta tropical ou de galeria), tradicionalmente fértil e carregado de muito simbolismo, e a chapada enorme, a grande barreira invisível que, no



www.observatoriogeogoiias.com.br

passado, separava os homens e os lugares e que criou nos habitantes de nossa terra uma espécie de síndrome do isolamento, mas que, economicamente, foi o grande pasto natural que deu sustentação e vida à atividade pecuária tradicional.

Por todo lugar no território do cerrado, principalmente em Goiás-Tocantins, e isto não faz muito tempo, foram os terrenos ondulados, os vales dos grandes rios e regiões como o “Mato Grosso” de Goiás e o “Bico do Papagaio” que venceram a disputa econômica contra a chapada e o cerrado no processo de ocupação e valorização do espaço regional. Se por mais de dois séculos a chapada e os cerrados foram vistos apenas como pastos naturais e eram classificados como terra de terceira ou quarta categoria, o interesse que hoje eles despertam é justamente o oposto do que são as zonas de mata, de boa cultura, mas excessivamente “acidentadas” e impróprias para a mecanização moderna. Os papéis se inverteram: essa grande reserva de valor, que antes era bom para apenas pasto, e assim mesmo com uma certa reticência, hoje, em linguagem que cheira a breguice, é o filé mignon da moderna agricultura. O lugar da roça antiga – as terras naturalmente férteis dos fundos de vale, ou melhor “as terras de primeira”, em que abunda o bacuri, símbolo de solo rico –, acabou se transformando em bacia leiteira ou em pastos plantados para o gado de corte criado com muita tecnologia. No passado, não faz muito tempo, o alqueire de terras do cerrado valia quatro ou cinco vezes menos que o de terras de “cultura”. Agora é o inverso, ou quase. Isto se parece com aquele ditado popular – “ontem foi o dia da caça, hoje é do caçador” –, pois, hoje podemos dizer que “ontem foi o dia do mato grosso, hoje é o dia cerrado”. Como se pode observar, os papéis se inverteram e, ao que parece, para sempre. Adeus emas, seriemas, tatus, tamanduás, veados campeiros, muricizeiros, pequizeiros, barbatimão, pau-terra, cagaita, mama-cadela, bacu-pari, tesoureiro, galo-campina, saltachão, teiú, cajuzinho... Os tratores tudo revolvem e expulsam dos lugares por onde passam. Os grãos nobres, como na fábula de La Fontaine, o lobo e o cordeiro, são a razão do mais forte, ou seja, o lobo – “a razão do mais forte é sempre a melhor”.

Um invólucro original: o do povo Kalunga

Dentre esses invólucros enclausurados em meio tipicamente do cerrado, um dos melhores exemplos que pode ser aqui considerado é o do território Kalunga, no Nordeste Goiano. Embora não sejam tão perceptíveis como o são em países mais antigos e de grande diversidade histórico-geográfica e cultural, como os países europeus, no Brasil em geral, e



www.observatoriogeogoiias.com.br

no território do cerrado em particular, esses espaços individualizados existem e têm um papel importante na vida de cada cidadão que o habita. Por aqui quase tudo é grande e espaçoso, mas há também ilhas de particularidades originalíssimas.

A região dos Kalunga a que me referi, situada nos fundos de vale dos contrafortes da Serra Geral do Paranã é um testemunho e uma realidade desse tipo de invólucro que, infelizmente, ainda passa quase despercebido para a maioria dos goianos. Mesmo sendo sua região inóspita, é justamente a pobreza relativa do meio geográfico que se constitui na imensa barreira natural que assegurou, e ainda assegura hoje, a sobrevivência, a segurança, as particularidades e a originalidade do povo Kalunga. Tudo ali tem vida e movimenta em uma íntima relação com o meio natural circundante: o cerrado e seus diferentes ambientes locais, como os “vãos”, que alojam as famílias em comunidades, sobre cujas terras elas plantam e tiram os alimentos de cada dia; os brejos, que alimentam os córregos e em que florescem diversos tipos de espécies vegetais, como o buriti e a buritirana, cujos frutos fazem parte de sua dieta alimentar; os interflúvios, cobertos de pastagens naturais, onde criam gado e de onde retiram muitos frutos silvestres; os campestres elevados, utilizados como pastagens temporárias, e muitas outras formas de relações entre os indivíduos e o meio geográfico natural e social. O povo Kalunga vive ali há mais de dois séculos, como que isolados do resto da sociedade que o rodeia. Mas, não obstante as espertezas do progresso material que tudo invade e modifica os Kalunga ainda se encontram organizados social e culturalmente de maneira bastante original.

Os chapadões

O espaço geográfico, por mais homogêneo que seja do ponto de vista de seu relevo ou de sua organização social e econômica, é constituído de diversidades geográficas. No imenso chapadão do Sudoeste Goiano, por exemplo, de topografia horizontalidade e bastante aplainada, são os vales basálticos e areníticos que constituem a diversidade do meio natural e que influenciaram no passado, e influenciam no presente, nos tipos de organização das atividades sociais, econômicas e culturais. Nos fundos de vale se multiplicaram as propriedades, disputando o acesso à água e às terras de melhor qualidade para a agricultura tradicional, agora em boa parte irrigadas, e de pequenas dimensões. Foi ali que se deu início ao povoamento e ao surgimento dos primeiros núcleos urbanos. Foi dali que se comandou, mais tarde, e segundo uma lógica imposta pelo grande capital e pela moderna agricultura, a



www.observatoriogeogoias.com.br

ocupação de outras fronteiras e de outros espaços mais homogêneos geograficamente falando – as imensas chapadas que, até há pouco tempo, eram tidas como imensos espaços sem quase nenhuma serventia para a economia agrícola. De pastagens naturais, denominadas pela sabedoria popular de campestres, a chapada passou a ser imensos campos ocupados por monoculturas produzidas em escala comercial e industrial e de olho no mercado internacional de grãos nobres. De vaqueiro e agricultor tradicional, o homem passou a ser usineiro, sojeiro, arroteiro em grande escala. O trator substituiu ao cavalo e ao boi na faina diária. Os hábitos tradicionais no falar e no vestir, no comercializar seus produtos mudaram bruscamente. Os fundos de vale continuam lá onde sempre estiveram, não mais, porém, como o local privilegiado de sobrevivência econômica e de palco das manifestações culturais das pessoas que, pioneiramente, o habitaram e o povoaram, mas como testemunhos de um tempo e de uma mentalidade que estão desaparecendo ou, o que é a mesma coisa, pouco perceptível pelo viajante.

O berço de muitas águas

Em Goiás, o Planalto Central, que tem o seu topo localizado nas imediações de Brasília, é o ponto de irradiação dos rios de três das mais importantes bacias do Brasil. Por isso, aquele topo é o berço de muitas águas. De lá, descem para o norte, o sul e o leste os formadores das bacias Tocantínia – que se insinua na Amazônia –, Platina e Sanfranciscana, respectivamente (v. mapa O Berço das Águas (1)). Ponto de dispersão ou ponto de divergência? As duas coisas ao mesmo tempo. No passado, elas foram as portas de entrada dos homens que vinham de todas as bandas em direção aos aluviões de ouro dos córregos e riachos que drenam, respectivamente, o Vão do Paranã, a bacia do rio Maranhão e os vales dos rios Paranaíba, Meia Ponte, Vermelho e, lógico, Araguaia. Das bandas do São Francisco vieram, em direção ao Vão do Paranã, desgarradas, errantes, quase selvagens, as primeiras cabeças de gado, fugitivas das fazendas que se interiorizavam a partir do litoral baiano e nordestino. Para alguns historiadores, como Silva e Souza, foi nesta região, ainda hoje, sob muitos aspectos, não muito mudada em sua fisionomia espacial, histórica e social, que o gado e as fazendas primeiro floresceram em Goiás e no Tocantins. Atravessando os chapadões infindáveis do oeste baiano, homens e animais desceram as serras pelos poucos pontos de passagem (verdadeiros boqueirões, de acesso difícil, que ligavam, e ainda ligam, o caso da BR-020, o



www.observatoriogeogoiias.com.br

(1)

que se pensava ser o “espigão mestre” do relevo brasileiro ao Planalto Central) em direção à grande depressão do vale do rio Paranã.

Porém, mesmo diante dessas dificuldades que, no passado, o meio natural impunha, é desse “teto” monumental, que constitui o Planalto Central, do qual a Serra Geral do Paranã é um dos seus contrafortes, que hoje irradiam águas, homens e estradas e, no plano geopolítico, idéias. No passado, nessas terras altas e planas, eram as grandes distâncias e a solidão da paisagem que angustiavam e dispersavam os homens. Hoje, contrariamente ao que se poderia pensar, são esses mesmos elementos que atraem outros homens e outros interesses. Como diz Braudel, “por si mesma a distância é obstáculo, defesa, proteção, interdição [...] O espaço não é uma realidade invariável. Ora, evidentemente ele varia, uma vez que a verdadeira medida da distância é a velocidade dos deslocamentos dos homens. Ontem, a lentidão dos homens era tal que o espaço aprisionava, isolava”.

Os Gerais da Bahia

Se na chapada o relevo é de uma monotonia estonteante, no fundo do vale, erodido, moldado pelas águas que descem do alto e pelo vento que sopra em direção do oeste, o arenito e o calcário adquiriram formas variadas, deixando aqui e acolá testemunhos do que, num passado longínquo, foram o relevo e a topografia regionais. A ruptura entre aquele topo plano (apenas erodido lá onde os cursos d’água afloram e correm paralela e simetricamente em direção do leste) e o “vão” cavado pelo rio, que tem por limite oeste a Chapada dos Veadeiros constitui o grande alinhamento escarpado norte-sul, carinhosamente chamado de Serra Geral de Goiás, formando na verdade um dos grandes espigões mestres do relevo brasileiro. Sob a visão do capitalismo, para quem a terra é mercadoria e renda, o Chapadão Ocidental do São Francisco é hoje, sobretudo do lado baiano, a nova fronteira agrícola e econômica da Bahia e do Brasil. Há quem o classifique (Berta Becker) como uma região de novas oportunidades. As tecnologias, as máquinas e o grande capital transformaram seus solos pobres, areníticos, profundos, mas planos, em terras agricultáveis. A agricultura comercial dá aos Gerais, como deu ao Sudoeste Goiano, a fisionomia de um imenso campo verdejante, celeiro que abastece em grãos de exportação o mercado internacional de soja e o interno de milho. Até recentemente, aquele imenso



www.observatoriogeogoiias.com.br

chapadão era quase desprovido de homens e de cidades – ali despontavam apenas Barreiras e Correntina, do lado baiano, e, à sua entrada, Posse, do lado goiano. Mas, hoje, ele ganha ares de modernidade. Atualmente, sua população pouca coisa tem de baiano e seus costumes e tradições culturais e sócio-religiosas só ainda se conservam originalmente nos rincões mais isolados pelas grandes distâncias, ao longo das imensas veredas que caracterizam a região. No alto, no chapadão, a cidade de Barreiras comanda a lógica atual de ocupação daquele espaço de cerrado, cuja apropriação e uso tem grande repercussão e impacto sobre tudo o que ali viceja e vive: os homens, os animais e, sobretudo, a cobertura vegetal e as águas que ela protege.

O “Vão” do Paranã

Cá em baixo, no pé da serra, Posse, que como Barreiras é uma cidade que nasceu da expansão do gado nos séculos XVIII e XIX, comanda a ocupação e organização modernas do fundo do vale. Mas, se aqui as cidades e os homens são mais numerosos, as formas de organização social e econômica são, contudo, ainda arcaicas e atávicas. Nos relevos ondulados, em fazendas tradicionais, ainda criam-se cabeças de gado quase como há um século. Nos fundos de vale – cobertos pelas placas de solos mais férteis de todo o território goiano-tocantinense – e nas planícies aluviais do rio Paranã e de seus afluentes coabitam hábitos agrícolas tradicionais e modernos, mas o moderno está tomando o lugar do que é tradicional e “velho”. Porém, é naquele vão, sobre terraços do rio Paranã, que se colhe, hoje, a mais importante safra de arroz irrigado em Goiás. Mas, é também ali que as propriedades rurais e seus habitantes ainda são bastante incomodados pelas endemias rurais – os índices da doença de chagas eram até recentemente alarmantes –, que nunca são de todo erradicadas. O “Vão” é antigo e novo ao mesmo tempo, cheio de contrastes e carregado de estereótipos negativos – mais sociais e econômicos que naturais. Como em toda região de topografia movimentada, o “Vão” é suscetível ao desgaste provocado por fenômenos geográficos naturais, como: assoreamento dos rios, cujas margens estão sendo desprovidas de vegetação, seu manto protetor; desencadeamento de processos erosivos que podem conduzir à desertificação dos solos; enfim, desmatamento desenfreado, colocando em risco em risco de extinção espécies vegetais nativas que eram muito abundantes na região, como a aroeira, por exemplo.

As terras altas e as terras baixas



www.observatoriogeogoiias.com.br

Dois paisagens geomorfológicas caracterizam sobremaneira esse território do cerrado goiano-tocantinense: as terras altas (Planalto Central, sobretudo) e as terras baixas (as grandes depressões dos Rios Araguaia, Tocantins, Paranã e Paranaíba). Mas, será que ele se explica apenas por este lado peculiar de sua geografia? Certamente que não, embora essas paisagens dividam, bloqueiem, expulsem e atraíam. Dividem o espaço físico em regiões bem diversificadas e habitadas por homens de todos os matizes sociais e culturais; bloqueiam, dificultando os contatos humanos; expulsam e atraem pessoas, capital, divisas e tudo o mais. Será que a vida aí se insinua por si mesma? A resposta é complexa porque vários são os fatores e os elementos conjugados. Uma coisa, entretanto, é certa: sem os homens, desaparece o interesse em sabê-lo, com os homens nascem os complicadores e os problemas que motivam as pesquisas e as análises.

Então, dividir o território em apenas terras altas e terras baixas não basta para explicá-lo. Essa compartimentação é apenas um esboço do seu corpo físico. Para compreendê-lo melhor, há que se detalhá-lo mais ainda. Há que se descer ao nível das entidades microrregionais e exceções locais, que abrigam atividades bem diversificadas e diferenciadas praticadas por uma população também diversificada, por mais aparente que seja essa diversificação. A história por aqui é nova, tem pouco mais de dois séculos e meio, mas já há muita diferenciação. Num mesmo espaço, repito, coabitam às vezes o antigo e o novo. Há transumância tradicional em regiões recentemente ocupadas pela pecuária avançada no vale do Araguaia, por exemplo. Há ecoturismo, ou turismo rural, como preferem alguns especialistas do assunto, lá onde o espaço foi ocupado por populações remanescentes, como a região dos Kalunga, na Chapada dos Veadeiros. Há estagnação lá onde a natureza é rica, como o vale do Paranã. Há mudanças antes mesmo da aclimatação dos hábitos e costumes.

Dividir também o território em função do clima parece pouco acrescentar ao seu conhecimento geográfico, pois, nesse particular, trata-se praticamente de um só tipo climático dominante – tropical subúmido com verão quente e chuvoso e inverno apenas fresco e seco. Porém – e é aqui que reside o essencial da questão –, esse clima dominante tem suas nuances que não podem ser deixadas de lado. São elas que explicam, porque perceptíveis, as particularidades locais. No fundo do vale, nas terras baixas, o clima conjugado com o relevo e a vegetação “cria” uma paisagem diferente das encontradas nas



www.observatoriogeogoiias.com.br

terras altas. A insolação é diferente, a temperatura e o ar têm outros comportamentos, os ventos sopram entrecortados pelas barreiras naturais que são a serra e a mata. Essas particularidades são, no dizer de Max Sorre, “o único dado imediato de toda a climatologia”. Na chapada sopra um vento contínuo, fustigante, espantando insetos e outros bichos. Nas suas encostas, as “ilhas” microclimáticas criam microambientes. No alto, os espaços são mais abertos e os elementos – nuvens, chuvas, ventos, fogo – não param de se movimentar de um lugar

(2)

para outro. Cá em baixo, a vida animal e humana é mais diversificada e, por isso mesmo, mais complexa e merece outros cuidados para não se deteriorar ou desaparecer. Por seu lado, lá no alto, a homogeneidade aparente de tudo – do relevo à vegetação, do urbano ao rural – transmite uma falsa idéia de que o meio ambiente é mais resistente à ação antrópica, mas as diversidades são mais sutis de serem percebidas. Ao menor descuido pode-se desencadear processos irreversíveis de degradação do meio ambiente e o cerrado, com tudo o que ele tem de original, pode dar lugar a paisagens mortas e desprovidas do menor movimentos do que é vivo e dinâmico, como suas ricas fauna e flora.

Observado-se então o território do cerrado goiano-tocantinense por essa ótica, pode-se afirmar que ele era, e de um certo modo ainda é, um espaço imenso, em que se opõem com nitidez, como é mostrado no mapa Relevo e Hidrografia (2), terras altas e terras baixas, como que querendo dividir o território em apenas esses dois níveis altimétricos.

2 – As pessoas e seus movimentos itinerantes

Por quase dois séculos vivendo praticamente ilhada em suas regiões históricas e geográficas e ainda pouco povoadas, para não dizer humanizadas, a população desse imenso território do cerrado goiano-tocantinense, fechando-se em si mesma, dava, contudo, colorações diferentes às diversidades regionais. Aqui se praticava a pecuária extensiva, e a roça tradicional completava o abastecimento em víveres de cada fazenda; acolá, a agricultura já era mais voltada para o mercado incipiente, onde se comercializava o excedente; mais adiante, as duas coisas juntas. Quando as fronteiras econômicas se expandiram nada disto resistiu. Houve, segundo Braudel, uma quebra da longa duração das realidades culturais.



www.observatoriogeogoiias.com.br

Uma paisagem híbrida ocupou inexoravelmente o seu lugar, e a fisionomia dos homens deixou de ser singular para ser plural. O capital “homogeneizou” quase tudo e as pessoas deixaram o campo para superpovoar as cidades. Praticamente desapareceram as economias locais, sem salvaguardas, e, com elas, também muitos aspectos sociais e culturais que, socialmente, faziam as diversidades locais e regionais. Hoje se come, se veste e se diverte praticamente do mesmo jeito por toda parte: uns melhor, outros pior, mas todos quase do mesmo jeito. Essas migrações foram, no passado, ditadas pelo isolamento, pelo abandono e pela rudeza da vida solitária do indivíduo camponês, que se encontrava ilhado na imensidão do espaço rural. Os indivíduos fugiam de uma realidade quase insuportável em busca de outra mais frívola. Hoje, essas migrações têm uma outra explicação: a concentração de quase tudo nas mãos de quase ninguém, tendo como consequência dolorosa o êxodo rural forçado. A sazonalidade dos bóias-frias, que como desenraizados procuram o trabalho itinerante, é um exemplo dos mais constrangedores desses movimentos de população de um lugar para outro. Vagueiam de uma região para outra para cortar cana, colher algodão, catar feijão e tocos em terras recém desmatadas para o plantio de grãos.

A diversidade da economia sendo ainda pequena, pequena também é a categoria de trabalhadores sazonais, mas o número desses trabalhadores braçais é enorme. Eles vivem como estrelas errantes, em zigue-zague, sem lugar fixo de moradia e de permanência. São, portanto, muitos os que se deslocam, mas são poucos os que trabalham. O campo está vazio de homens, mas as estradas estão cheias de trabalhadores ambulantes. O contraste social ocupou o lugar da diversidade regional, porque por toda parte o movimento de pessoas parece ser um só, comandado por uma só lógica: ampliar os espaços produtivos, mas, sem aumentar e melhor distribuir os benefícios sociais que disso deveria resultar. Haverá fim um dia esse movimento incessante que não leva a lugar nenhum?

Esse território do cerrado é grande e sua ocupação é recente, suas regiões são novas e também grandes, as pessoas são ainda jovens e numerosas, mas as oportunidades são raras, como raros são os espaços que lhes pertencem. Os que vão raramente voltam, mas quando voltam são como que estrangeiros em sua própria terra. É esse o ritmo infernal que quebra a normalidade do dia-a-dia de muitos, pois quem sai dá lugar para quem chega. É essa a realidade dos movimentos itinerantes dos camponeses sem terra nesse imenso espaço. Braudel afirma que “por toda parte é o mundo camponês que irá povoar ou repovoar as cidades. Ele é a causa da exuberância demográfica”. Historicamente, sempre aconteceu



www.observatoriogeogoiias.com.br

assim: o campo alimentava as cidades em tudo, em víveres e em homens. Agora parece que só alimenta em víveres, pois os homens foram enxotados, em hordas imensas, para as cidades, cujas conseqüências são de todos conhecidas: o inchaço das cidades e suas periferias proletárias. Os especialistas em demografia, como o russo Valentei, por exemplo, dizem que população “é um conjunto de indivíduos que realizam a sua atividade vital no quadro de uma determinada sociedade. Ela é sempre um conjunto complexo e multifacético de pessoas que vivem num determinado território, que constituem a base natural de uma comunidade social”. Trata-se, portanto, de indivíduos, de pessoas humanas, tanto as que nascem no local, quanto as que chegam, vindas de outros lugares. Nesse conjunto complexo, as migrações têm, via de regra, um papel importante: reequilibrar demograficamente o contingente populacional, dinamizar a economia com o aporte de novas técnicas e, socialmente, trazer a diversidade. Nesse particular, quando elas chegam, podem mudar ou mesmo desestruturar o que, mesmo frágil e vagarosamente, subsistiu. E foi assim que aconteceu por aqui. No início, essa antiga Capitania de Minas que é hoje o território goiano-tocantinense, como dizia o médico e historiador Americano do Brasil, povoou-se e despovoou-se com o ouro. Depois, mais tarde, foram as levas de migrantes vindas, sobretudo, de Minas Gerais e do Maranhão para repovoar e dar início a um novo ciclo colonizador no sul e no norte do território. É por isso que se costuma dizer que o sul, atual estado de Goiás, se “mineirizou”, e o norte, atual estado do Tocantins, se “maranhanizou”; é isto que confere às duas regiões particularidades culturais e sociais bem distintas. Não há como ser diferente, porque a diversidade é própria das paisagens naturais e humanas, conforme enfatiza Braudel :

“O Estado e a sociedade deixam subsistirem a diversidade e a confusão. Também não há unidade lá onde em princípio se esperaria encontrá-la: a partir do ‘poder’. Nenhuma força estruturante que dela dependa consegue uniformizar uma diversidade que tenha para ela uma espécie de força vegetativa. Se a sacudimos, ela nos rechaça: nem a ordem política, nem a ordem social, nem a ordem cultural conseguem impor uma uniformidade que não seja outra coisa que uma aparência”.

3 – As cidades e o povoamento do território do cerrado goiano-tocantinense

“A superestrutura urbana é um sistema sobrelevado, explicado pelo mundo camponês, que está condenado a carregá-lo nos ombros”



www.observatoriogeogoiias.com.br

Em todos os lugares do mundo, sejam os países desenvolvidos ou não, grandes ou pequenos, asiáticos, africanos, europeus ou americanos, as cidades surgiram, e ainda surgem, como a mais importante e espetacular obra do homem. O fenômeno urbano é certamente o mais espetacular dos fenômenos geográficos e, por assim dizer, humanos. É difícil afirmar porque esta ou aquela cidade surgiu neste ou naquele lugar. A partir do momento em que os indivíduos decidiram se fixar aqui e ali para levar uma vida mais gregária, as cidades foram surgindo naturalmente, num processo contínuo e cada vez mais acelerado nas diversas partes da Terra. Surgiram, e ainda surgem, em sítios absurdos e inimagináveis – planícies, planaltos, vales, montanhas, matas densas, oásis e, por incrível que isto possa parecer, nos desertos, tantos os quentes e arenosos, como os frios e pedregosos – e exerceram e, mais que no passado, exercem um poder de atração extraordinário sobre as pessoas. Citando o historiador Jean-Marie Dunoyer, autor de 7 bilhões de homens no ano 2000, Braudel enfatiza:

“A espécie humana é a espécie mais invasora do mundo e, desde sempre, a que mais viaja. E a cidade é a lanterna fosca dos caçadores que, durante a noite, atrai a caça. Ela fascina os camponeses dos arredores. Nada é mais significativo, nesse ponto de vista, do que os esquemas onde estão localizados os lugares de origem dos imigrantes no interior das cidades”.

O surgimento das cidades no cerrado goiano-tocantinense

Dessas apreciações de um historiador, podemos tirar muitas lições para as nossas cidades, e uma delas é que, não faz muito tempo, por terem nascido provisoriamente, seguindo inicialmente o rastro do ouro e se espalhando principalmente por sobre o território do cerrado, os primeiros arraiais teriam nascido para ter vida curta. A horda de fiscoadores e mineradores, como que pescadores em busca de cardumes mais farturentos, raramente permanecia no mesmo local por muito tempo. Esse caráter instável da população mineira marcou o aparecimento, vida e morte de muitas cidades e lugares habitados. Só perduraram no tempo aquelas cujas minas próximas eram mais pródigas. Construções mais sólidas, de adobe e cobertura de telhas comuns, só eram erguidas quando se tinha certeza de que os aluviões e veios auríferos prometiam vida longa. Por mais que se busque nos relatos de memorialistas daquela época, nos relatórios das autoridades, nos mapas antigos, é



www.observatoriogeogoiias.com.br

praticamente impossível indicar com precisão e confiabilidade quantos embriões de cidades, quantos arraiais de vida efêmera surgiram em nosso território, porque muitos deles só tiveram começo e morreram logo no nascedouro. Tudo isto era muito compreensível, uma vez que o caráter daquela gente em nada se diferenciava do dos criadores nômades de antigamente: os mineiros só paravam em algum local por um certo tempo se houvesse ali promessa de boas bateiadas. No começo foi assim. Desse modo, no século XVIII, fora dos rastros deixados pelo ouro, praticamente, arraial nenhum floresceu, sequer mesmo nasceu, exceção feita aos pontos de passagem e pouso de tropas que demandavam às minas. Dentre estes últimos, os que sobreviveram se deve à sua localização estratégica nos cruzamentos de caminhos coloniais e nos pontos de passagem de rios ou serras importantes. Catalão, em Goiás, e Dianópolis, no Tocantins, são os melhores exemplos. Muitos deles tiveram a função de “Registros” (postos de fiscalização aduaneira) ou de “Presídios” (fortificações militares), como, por exemplo, Formosa, em Goiás, e Porto Nacional e Araguacema, no Tocantins.

Como células espalhadas pelo organismo vivo, que é o território, essas aglomerações pioneiras adquirem importância estratégica na ocupação e povoamento do espaço e na fixação do homem no meio rural. Geralmente elas se situam em pontos também estratégicos, como beiras de estradas, margens de rios, encruzilhadas. Será que surgiram ali por acaso, aleatoriamente? Pode-se afirmar que, hoje, não é mais lícito falar de casualidade na gênese e evolução das cidades goiano-tocantinenses. Mesmo nos primeiros anos de ocupação do território pelos primeiros garimpeiros, o aparecimento dos primeiros arraiais do ouro obedecia aos imperativos da empreitada: eles se erguiam, cresciam ou desapareciam aos pés das minas e aluviões.

Porém, hoje, mais que no passado, é possível apontar as motivações, sejam elas econômicas, sociais, políticas ou geopolíticas, que deram origem a esta ou aquela cidade no imenso território goiano-tocantinense do cerrado e fora dele. O fenômeno urbano segundo os especialistas (geógrafos, historiadores, sociólogos, urbanistas, dentre outros) se acentuou realmente a partir da era industrial, ou seja, a partir do século XIX. Na opinião de dois grandes geógrafos, especialistas em Geografia Urbana, “a revolução econômica, ao concentrar os meios de produção, quando da passagem do estágio artesanal para o estágio industrial, provocou naturalmente a reunião dos trabalhadores nas cidades; o capitalismo



www.observatoriogeogoiias.com.br

multiplica as trocas e as centraliza; o socialismo atrai as populações para os centros industriais; a colonização implanta as cidades brancas nas colônias em torno das quais se agrupa a população indígena. Neste processo, os progressos dos transportes representaram um papel importante”. Por aqui os transportes estão associados ao seu principal suporte: as estradas. Elas encurtaram as distâncias e ao mesmo tempo que aproximaram os homens, desestruturaram as formas de organização social antigas para dar lugar a outras mais novas. Em outras palavras, quando chegaram, encurtaram as distâncias e reduziram as dimensões do espaço. Para Braudel isto é inevitável, pois, “verticalmente, enquanto o tempo muito durou, o espaço era grande, horizontalmente. Hoje, tanto o tempo histórico curto, quanto o espaço, estreitado, mudaram a fisionomia das paisagens e dos homens. As transformações se fazem à luz do dia, não mais do dia para a noite, longe dos olhos, como somos levados a pensar [...] O espaço divide e une [...] por causa das necessidades complementares [...] Se a superestrutura dominante brota e se estende tão depressa, é porque não encontra obstáculos decisivos à sua altura, nem resistências bem agrupadas”.

Em países novos, como o Brasil, e em regiões novíssimas, como a nossa, o desenvolvimento urbano deu-se por muito tempo em conseqüência das atividades e de fatores a elas inerentes. Muitos foram os fatores de povoamento e urbanização do território goiano-tocantinense, mas, por aqui, a mineração, a agricultura e as estradas foram o principal motor de todas essas transformações espaciais e, sobretudo, da organização do espaço urbano e regional. Dentre todos esses fatores, foi realmente a agricultura que mais intensamente comandou todo esse processo, confirmando o que diz um especialista do assunto, Jean Favier: “o desenvolvimento urbano não se inscreve ao lado da expansão agrícola, e menos ainda em concorrência com ela. Ele provém dela”. Porém, qualquer que seja sua origem – se filha da agricultura, da atividade industrial ou de geopolíticas mais globais –, a cidade, enfatiza Braudel, nasceu para dominar:

“Sejam elas ou não filhas da revolução agrícola a lógica própria das cidades é exatamente assumir a superioridade, o estado da superestrutura. Para elas, existir é dominar. Nascidas essencialmente do campo em todo tempo e lugar, num momento ou noutra, com maior ou menor força e brilho, elas se impõem, ao campo, servindo-lhe de ‘modelo’, subjugando-o [...] A cidade é, portanto, responsável pela difusão de uma nova arte de viver, por uma economia superior, que ela difunde ao seu redor”.



www.observatoriogeogoias.com.br

Mas, antes das filhas da deusa Ceres, muitas de nossas cidades foram primeiramente filhas do ouro.

a) As cidades filhas do ouro

O número de cidades e arraiais nascidos do ouro ou em conseqüência da atividade mineradora no período que vai da chegada de Bartolomeu Bueno da Silva aos nossos sertões (1722) até a proclamação da independência (1822) não é muito grande, se comparado ao número de pessoas de todos os matizes sociais que buscaram estas terras em busca de riqueza: 60 localidades

(3)

mineiras, segundo Souza e Silva. Dentre elas, apenas a metade sobreviveu como cidades goianas e tocantinenses atuais, cujos nomes antigos vão entre parêntesis e em itálico: Goiás (Villa Boa), Itaberaí (Curralinho) e Anicuns, do Julgado da então Villa Boa ; Pirenópolis (Meya-Ponte), Corumbá de Goiás (Corumbá), Luziânia (Santa Luzia) e Formosa (Couros), do Julgado de Meya-Ponte ; Santa Cruz de Goiás (Santa Cruz) e Silvânia (Bom Fim), do Julgado de Santa Cruz; Pilar de Goiás (Pillar ou Papuã), Goarinos e, com toda evidência, Porangatu (Descoberto da Piedade), do Julgado de Pilar; Crixás, do Julgado de mesmo nome; Niquelândia (São José do Tocantins), do antigo e próspero Julgado de Trayras (Tupiraçaba, em completa decadência e em vias de desaparecimento); Cavalcante e Flores de Goiás (Flores), do Julgado de Cavalcante; nenhuma do importante Julgado de São Félix, arraial que desapareceu corroído pelo tempo; Arraias (cidade tocantinense atual), Monte Alegre de Goiás (Morro do Chapéu) e São Domingos, do Julgado de Arraias; Paranã (Barra da Palma), Conceição do Tocantins (Conceição do Norte) e Chapada de Areia (Príncipe) do então Julgado de Villa de Barra da Palma, cabeça da Comarca do Norte; Natividade, Chapada (Chapada da Natividade), Almas (São Miguel e Almas) e Dianópolis (São José do Duro, que surgiu de um aldeamento em 1755), do Julgado de Natividade; Porto Nacional (Porto Real e depois Porto Imperial) e Monte do Carmo (Nossa Senhora do Carmo), do Julgado de Porto Real. Acrescente-se a esta lista as cidades atuais de Catalão, na época pequeno arraial do então Julgado de Santa Cruz, atual Santa Cruz de Goiás. As outras localidades, e isto virou uma repetição necessária, ou desapareceram completamente, ou não passam de ruínas ou sobrevivem praticamente esquecidas dos goiano-tocantinenses: Piedade, na margem direita do Rio das Almas, município de São Luiz do Norte, Ouro Fino,



www.observatoriogeogoiás.com.br

rebatizada de Itaiú, Ferreiro, Barra (atual Buenolândia, distrito da cidade de Goiás), Anta, Santa Rita (Jeroaquara, distrito de Faina, em Goiás), Amaro Leite (distrito de Mara Rosa, construída ao lado da “Belém-Brasília”), São Miguel das Tesouras, Maranhão, outra Santa Rita e outra Piedade, no atual município de Niquelândia, Buriti Queimado, Curriola, Calhamares, Chapada de São Félix ou de Carlos Marinho, Cachoeira, Pontal (do Porto Real), Pontal da Natividade e certamente muitas outras, que nem vestígios deixaram.

Ao analisar o mapa (3) que mostra a distribuição das cidades nascidas do ouro durante o período colonial, vamos verificar que o polígono da mineração se estendia sobre terrenos antigos e de topografia movimentada, de solos pobres, cobertos por tipos diferentes de cerrado, segundo os ambientes. Na verdade, a maioria delas nasceu aos pés das Serras Dourada, Pirineus, Maranhão, Geral do Paranã e Geral de Goiás. Alguma outra, como que filha desgarrada, surgiu em plena chapada, mas ao lado do córrego rico em ouro: Silvânia (Bom Fim), Luziânia (Santa Luzia) e, de um certo modo, Formosa (Couros), que, além de ser um “Registro” (posto fiscal à época), serviu também de apoio às tropas que vinham da Bahia ou que se dirigiam para a Bahia.

b) As cidades filhas da agricultura

Quanto à agricultura – a deusa Ceres que faz brotar da terra os alimentos dos homens – ela é a mãe da grande maioria das cidades desse imenso território do cerrado, tanto em Goiás, como nos outros estados brasileiros. Restringindo-se apenas ao espaço goiano-tocantinense, ou seja, ao território da então Capitania de Goiás, mais de dois terços das quase mil aglomerações – entre cidades, vilas e povoados, que têm atualmente os dois estados, e numa imagem forte e plena de

(4)

significação – como que grãos semeados em terreno fértil –, brotaram da terra, isto é, da atividade agro-pastoril, conforme é mostrado no mapa Cidades nascidas da atividade agro-pastoril (4). Por esses números pode-se ver, como o fez Caio Prado Júnior, o quanto a mineração, no Brasil, sufocou a agricultura no período colonial, e aí se inclui com justa



www.observatoriogeogoiias.com.br

razão a antiga Capitania de Goiás: “a contrapartida da fulgurante ascensão das minas foi a decadência da agricultura”. Após o esgotamento das minas, a retomada da agricultura como forma permanente de atividade iria recolocar as pedras certas no tabuleiro da economia de nosso território. Agora, doravante, são as cidades surgidas em meio rural que vão desempenhar o papel de principal agente mobilizador de populações, recrutando habitantes, atraindo e desenvolvendo o tráfego e com ele as estradas, ampliando as trocas e intercâmbios comerciais, expandindo fronteiras agrícolas, incorporando à economia de mercado novas áreas de produção, enfim, introduzindo movimento em uma região até então marcada pela pouca ou quase nenhuma mobilidade e articulação espaciais.

Esse foi o pano de fundo do fenômeno urbano ocorrido nos nossos sertões: a atividade agrícola – e com ela o comércio, o mercado e, mais tarde, a indústria – deslocando e fixando as pessoas através dos caminhos e das cidades e aumentando os fluxos e as articulações espaciais que não mais pararam de crescer. Aqui, cidade e campo se debatem para saber quem pode mais. Até recentemente o campo levava vantagem sobre a cidade, seja abrigando mais gente ou produzindo mais riqueza. O embate ainda não terminou e qualquer que seja o seu desfecho, as cidades continuarão a surgir e a crescer até o ponto em que certamente não mais haverá distância entre uma e outra. Isto já é em parte realidade, pois as megalópoles já existem, principalmente nos países fortemente industrializados e urbanizados.

De um modo geral, nas regiões de maior fertilidade natural dos solos (Mato Grosso de Goiás, Vertente Goiana do Paranaíba, Vale do Rio Meia Ponte, Bico do Papagaio, dentre outras) o espaçamento entre o hábitat disperso ou concentrado é pequeno se comparado com o que é verificado nas regiões de planícies e chapadas. Nestas últimas, a propriedade rural sendo normalmente grande e os sítios próprios ao hábitat urbano sendo mais raros (principalmente os pontos de acesso fácil à água) fizeram com que o povoamento rural e urbano fosse mais rarefeito. Esse é apenas um lado da moeda que explica o fenômeno; o outro é o modo de produção baseado principalmente na concentração fundiária. Tanto em um caso como em outro, nada freia o surgimento de novas cidades e a conseqüente diminuição dos espaços vazios entre elas. Antevê-se nesse processo – não mais tão espontâneo como antigamente, mas comandado por geopolíticas internacionais e nacionais – o agravamento dos problemas que são a marca do nosso tempo: as reformas agrária e



www.observatoriogeogoiias.com.br

urbana. Por que? Porque o campo se esvazia não mais em consequência da modernização da agricultura, mas também em consequência das políticas fundiárias que privilegiam a concentração da propriedade nas mãos dos grandes proprietários e das grandes empresas, para que ele produza em escala comercial para atender ao mercado internacional comandado pelos países ricos. Assim, o campo deve produzir o que eles determinam.

c) As cidades filhas das estradas

É verdade que o processo de urbanização em nosso território há muito deixou de ser espontâneo, como era até há pouco tempo, para ser comandado à distância (expansão da fronteira agrícola ditada pelo mercado internacional de grãos “nobres” e carne) e de perto (pelo grande capital nacional que monopoliza os bens de produção e a riqueza no campo e na cidade). As novas aglomerações que surgiram nos últimos trinta anos acompanharam a lógica do capital, ou seja, as veias abertas por ele: as estradas. No início dos anos 1970, em Goiás-Tocantins apenas um pequeno trecho dos grandes eixos rodoviários de integração nacional que partem de Brasília e das rodovias regionais que partem de Goiânia (respectivamente, dentre outras, as BR-060, BR-020, BR-050, BR-153 e as GO-020, GO-060, GO-070, GO-080) eram pavimentados. Tomando-se Goiânia como

(5)

referência, o asfalto atingia apenas um raio de cerca de 200 quilômetros em torno da capital. Um quarto de século depois, pode-se dizer que o território goiano-tocantinense está integrado por vias asfálticas de norte a sul e de leste a oeste. Nesse mesmo período, o quadro urbano em Goiás passou de 170 municípios e suas respectivas cidades para 242 (aumento de 42%). No Tocantins, o fenômeno é mais explosivo, principalmente no final dos anos 1990, quando Palmas se consolida como a capital geopolítica por excelência e os olhos dos tocantinenses se voltam para a parte mais esquecida do estado: toda a margem direita do rio Tocantins. Neste período, as cidades tocantinenses e seus respectivos municípios passam de 51 para 139. Em Goiás foram 72 novos municípios criados a mais e no Tocantins, 88 (aumento de 172%). Esses números não incluem as dezenas de vilas sedes de distritos e as centenas de povoados e lugarejos, embriões de futuras cidades. “As estradas são assim”, escreve Braudel, “quando elas chegam, emergem as cidades, mesmo no espaço desfavorecido”. Talvez em nenhum outro estado brasileiro as rodovias tenham



www.observatoriogeogoiias.com.br

provocado tanto impacto e mudanças na ocupação do espaço e no surgimento da rede urbana quanto no estado do Tocantins. Recentemente, escrevia juntamente com outros colegas, que não só as cidades, mas, praticamente todo o estado do Tocantins, como se pode ver no mapa (5), é filho da grande rodovia – a “Belém-Brasília” ou BR-153 – que, literalmente, o colonizou e o povoou a partir dos anos 1960. Há muito tempo venho tratando deste assunto.

4 – O drama das queimadas

O cerrado é o ambiente por excelência de todos os goianos e, particularmente, de muitos tocantinenses, maranhenses, piauienses, baianos, mineiros, matogrossenses, paulistas, de todos os brasilienses e, por incrível que isto possa parecer, até mesmo de alguns habitantes da Ilha do Marajó de Roraima e de nichos em plena Amazônia! Ele faz parte não apenas do nosso imaginário, porque, do mesmo modo que o território é para os índios um recurso sócio-ambiental, conforme enfatizou a antropóloga Alcida Ramos, o cerrado é para nós o espaço de nossos ancestrais, de nossa história, de nossa cultura e de nossas tradições, inclusive as religiosas. Desde a minha infância que as imagens do cerrado fazem parte do meu imaginário e os relatos e testemunhos que deixo aqui dizem respeito a momentos alegres e tristes. Não obstante os avanços tecnológicos colocados à disposição dos indivíduos, infelizmente, ainda hoje, a tristeza continua enfeando as paisagens do cerrado, pois o fogo das queimadas assassinas, como acontece há muito tempo, continua sendo o grande ogro que, todos os anos, devora o cerrado com gula insaciável. O relato que faço aqui é um lamento permanente do que, em nossa terra, o fogo faz com ele. Tudo isto aconteceu em um 7 de setembro.

“A meninada estava em forma para o desfile do grupo escolar. Dias antes só se ouvia o rufar monocórdio de um tambor, ou melhor, de um “surdo”, que mais parecia um velho tonel que um próprio surdo-tambor para dar ritmo à marcha. Lá de casa, bem cedo, meu pai e minha mãe observavam minha irmã que comandava, em suas batidas nesse velho tambor de madeira, o ensaio da meninada, que seguia num compasso heterogêneo os sons do vetusto instrumento [...] Em dois meses ela completaria 15 anos e eu 11. Aquele era o meu primeiro ano de escola [...] – Pum, pum... pum, pum, pum. Entre uma batida ensurdecida e outra do chumaço no velho tambor havia uma pequena pausa. Era este ritmo



www.observatoriogeogoiias.com.br

entrecortado que dava cadência ao passo da meninada em treino. Finalmente, o grande dia chegou – o 7 de setembro tão esperado. A véspera foi demorada – aliás, toda véspera de um acontecimento importante é demorada. Era o dia de pôr a farda engomadinha – calça azul e camisa branca para os meninos e saia azul e blusa branca para as meninas. Azul e branco, acompanhados de uma pequena gravata azul para compor o uniforme de gala. Às sete horas da manhã os pelotões já estavam em forma. Como acontece há séculos, todo 7 de setembro é um dia enfumaçado e o azul celeste do céu tem cor acinzentada. O sol, que já estava ganhando altura, parecia um grande disco de cor púrpura. Lá no fundo da paisagem, a serra havia perdido o azul límpido que lhe era peculiar para ganhar ares de uma certa tristeza azul-acinzentada a se confundir com o azul-enfumaçado do céu. Mesmo assim, o 7 de setembro era para mim um dia bem bonito. Na verdade, ele era para mim o dia mais esperado do ano.

Antes do primeiro repique do tambor de som lânguido e solitário, um canto triste de cigarra ecoou do grande jatobazeiro que havia no fundo do quintal da velha casa de esteio em que morávamos. Ela ficava do outro lado da rua, bem em frente ao grupo escolar. Logo de manhãzinha lufadas de vento espalhavam por entre nós um ar quente e abafado. Todo 7 de setembro era desse jeito. Isso tudo – céu esfumaçado, serra que perdeu o brilho azul-esverdeado, sol cor de púrpura, vento morno soprando nossas cabeleiras – era para muito natural. Se não fosse assim não seria 7 de setembro. Houve o desfile. Perdíamos o compasso a cada momento que virávamos o rosto para – com um sorriso entre cheio de orgulho ou de vergonha, ou mesmo de desconcerto do passo – ver se alguém nos admirava ou nos aplaudia [...] Cada pai e cada mãe batiam palmas para cada um de nós. Cantávamos o hino da independência – “já raiou a liberdade no horizonte do Brasil... Brava gente brasileira...” O hino da independência era para mim – e ainda continua sendo – mais bonito que o “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas...”. Eu o achava – e continuo achando – mais parecido com o nosso Brasil que o próprio hino nacional.

* * * * *

Às nove horas da manhã o desfile já havia fechado o périplo. Na frente do grupo escolar, com os sapatos empoeirados e já fora de forma, preparávamos para a dispersão, quando, de repente, a diretora, com um olhar voltado para a serra azul-acinzentado, disse:



www.observatoriogeogoiias.com.br

– “vamos catar caju na serra!”

Foi o melhor 7 de setembro de que tenho lembrança. Acho mesmo que aquele foi o melhor de minha vida. Eu e minha irmã acompanhávamos a horda de meninos e meninas correndo para todo lado que, como se fossem potrinhos, davam volteios em torno do próprio corpo. Não havia espaço em cada um de nós para mais alegria e contentamento que o proporcionado por aquele instante. Subimos a serra e logo as camisas brancas ficaram pretas que nem carvão. Os cajuzeiros estavam sapecados pelo fogo – aliás, tudo o que é árvore de serra fica cor de carvão depois que o fogo consome folhagens e galhos. Só algumas poucas, mais troncudas, como os grandes cajuzeiros e pequizeiros, resistem um pouco mais à fúria das chamas. Na verdade, como o pássaro Fênix da mitologia grega, todas elas parecem renascer das cinzas, pois, logo com as primeiras chuvas, voltam a esverdear a paisagem.

Cajus na lata, sentados numa pedra procurando descanso, do alto da serra mal avistávamos a cidade, lá em baixo. Observávamos aquela paisagem em um silêncio enigmático, pois o momento era carregado de muitos significados sobre a vida, o sentido das coisas, inclusive o porquê daquele fogo ao mesmo tempo destruidor e redentor. O cerrado tem suas contradições que só agora compreendo: sem o fogo ele não seria cerrado. Não se trata, porém, desse fogo ateadado maldosamente por pessoas maldosas. Trata-se daquele fogo espontâneo, ateadado pela própria natureza. É dele que o cerrado precisa para se perpetuar como a espécie mais original de nossa terra. Lufadas de vento quente anunciavam a chuva que espalharia as cinzas das queimadas que haviam subido os morros e lançado no céu, como que línguas compridas, labaredas cor amarela-avermelhada. Era esse o espetáculo de todo ano: logo que anoitecia, os “caminhos” de fogo eram percebidos de longe, lá no alto da serra, por olhos que apenas atentavam para o espetáculo, mas sem saber que ele espalhava pela natureza tristeza, sofrimento e dor. Árvores, pássaros, tatus, veados, emas, seriemas, cobras, enfim, tudo que tinha vida era fustigado pelo fogo. A contradição do espetáculo é enorme, pois, às vezes, é o fogo que traz, de novo, vida para essa paisagem que nos é tão familiar, o cerrado.

Olhei para a minha irmã e ela para mim. Parece que já havia naturalmente estampado em nossos lábios um grande e largo sorriso. Ríamos um para o outro, ríamos dos tombos que



www.observatoriogeogoiias.com.br

muitos tiveram, ríamos das latas de caju que, de tão cheias, despencavam das cabeças dos que tinham os olhos maiores que suas barrigas. Ríamos, porque o riso era a manifestação mais espontânea que nossas almas experimentavam naquele momento. Creio que, ali, no alto da serra, naquele instante, o riso era para nós um tesouro que ninguém podia nos roubar.

Descíamos a serra que não mais tinha cor e nem profundidade porque, à distância, tudo se perde e se confunde no horizonte acinzentado. O sol a pino ainda estava entrecoberto pelo grosso manto de fumaça e a palidez de sua cor lançou na paisagem um silêncio profundo, só interrompido pelo canto de alguma cigarra solitária à procura de seu companheiro, ou para, com esse último canto, morrer. Na verdade, esse canto, que mais parecia um lamento, entristeceu minha alma, pois, ainda lá do alto da serra, pude entrever labaredas vorazes que rodeavam o brejo onde nascia o córrego, em cujas águas cristalinas eu me banhava todos os dias.

Voltamos para casa, mas, no dia seguinte, por curiosidade, ou melhor, por medo de que o fogo tivesse também devorado os buritizeiros daquele brejo, fui ver o que tinha acontecido. Era daqueles buritizeiros que caíam os frutos que eu catava para minha mãe fazer doce de buriti que eu vendia na rua. Quando vi o cenário, não resisti: sentei-me num velho cupinzeiro ainda morno, porque calcinado pelo fogo, e não tive como impedir que um choro lânguido e triste saísse de dentro de mim. Não sei dizer qual sentimento invadiu minha alma naquele momento.

Fiquei ali, sem compreender, impotente, sentado, olhando para aquela paisagem desfigurada pelas labaredas. No meio do brejo um velho buritizeiro ainda fumegava. De um buraco, certamente nele cavado por algum pica-pau em busca de comida, pendiam duas cabeças de filhotes de papagaio que, procurando livrarem-se do fogo, ali permaneceram de bicos entreabertos, como que clamando por socorro. Seus pais não tiveram como lhes salvar as vidas.

Na água, próximo ao tronco do velho buritizeiro, boiava uma imensa cobra, também sem vida. Era uma muçurana, não venenosa, que, como os filhotes de papagaio, foi apanhada de surpresa pelo calor infernal das labaredas. Na verdade, no meio do brejo, em que vicejavam buritizeiros de todas as idades, pouca coisa escapou do fogo. Até mesmo os mais



www.observatoriogeogoiias.com.br

altos, e já carregados de frutos, arderam ante as chamas. Olhei para aqueles imensos cachos ainda em crescimento e perguntei a mim mesmo: “aonde vou agora catar buritis? Como é que minha mãe vai fazer o doce que eu vendo na rua?” Naquele momento não tinha respostas para essas indagações. Da pequena mata que rodeava o brejo – na verdade uma mistura de espécies do cerrado e de mata-galeria – quase nada sobrou. Olhando em volta, pude ainda perceber um tiritar de galhos secos que ainda estavam sendo consumidos pelas chamas e um grande tronco de sucupira preta que fumegava como uma chaminé. O fogo lhe comia por dentro. No chão, ao seu lado, um buraco imenso era a morada de um tatu verdadeiro que, ali mesmo, mal tivera tempo de colocar o focinho de fora. Como a grande cobra muçurana, ele foi também devorado pelas chamas. De boca entreaberta, morreu sufocado. Mais adiante presenciei o mais triste desse espetáculo macabro: estendida no chão, já sem vida, uma mamãe tamanduá bandeira trazia em seu dorso um filhote, também sem vida, agarrado em seus pelos. Um cheiro acre de pelos queimados ainda recendia no ar e dos olhos da mãe e do filho, como que cristalizadas, saíam lágrimas de desespero que testemunhavam a dor e o lamento de terem morrido tão cedo e daquela forma.

Não havia um pedaço de chão sequer que não fosse coberto de sofrimento e de corpos sem vida. No brejo, até mesmo os peixinhos não escaparam da sanha do fogo: muitos boiavam n'água, como aqueles dois ninhos de rolinhas “fogo-pagô” que se despencaram dos galhos sacudidos pelo vento que as labaredas provocavam, ou pela fuga desesperada dos dois passarinhos que chocavam os minúsculos ovos. À beira de um barranco que rodeava o brejo uma enorme imbaúba teria sido a última tábua de salvação de um bicho-preguiça que, a meio caminho entre o solo e as folhas que ele geralmente comia, ali permaneceu abraçado ao tronco. Tinha os olhos, que mais pareciam duas bolinhas de gude petrificadas, voltados para o alto, para a copa da imbaúba. Sua expressão traduzia uma vã esperança: se conseguisse atingir o topo da árvore, estaria a salvo das chamas; se se soltasse do tronco, seria carbonizado pelo fogo que devorava a vegetação rasteira. De movimentos lentos, o bicho-preguiça morreu ali mesmo com suas grandes garras cravadas na madeira tenra da imbaúba. Dei as costas ao brejo e, no caminho de volta para casa, procurava entender por que tamanha judiação e por que o fogo é ao mesmo tempo redentor e destruidor. Não tive também respostas para esta contradição, a não ser entender que, como acontecia todos os anos, uma vez passada a época das queimadas, espontâneas ou



www.observatoriogeogoiias.com.br

criminosas – mais criminosas que espontâneas –, a natureza de novo se renovava, a vida reaparecia, verdejante, e os animais, de novo, perambulavam em volta do brejo em busca de água e comida. Mas, diante desse leve e passageiro reconforto, uma outra indagação me veio à mente: será que um dia a natureza sairá vencedora dessa guerra permanente contra o fogo ateadado pelos homens? Só mais tarde pude encontrar a resposta: por mais que a natureza renove suas forças e regenere o que o homem destruiu, um dia ela sucumbirá, pois não terá mais forças para devolver à vida o que foi consumido pelas chamas.

* * * * *

Meio século depois, em outras paragens – e a mil quilômetros daquele brejo sereno e daquela serra azul-acinzentada, sem minha irmã e sem o grupo escolar, sem a velha igreja, sem os velhos casarões, como aquele em morávamos, que testemunhavam o nascimento de minha cidade, sem o córrego, que, hoje, pede socorro, pois mais parece um esgoto a céu aberto que o córrego de águas cristalinas que saciavam a minha sede, enfim, sem desfile e sem caju na lata, mas com as mesmas lufadas de ar quente descendo das copas das árvores, e soprando rés-ao-chão –, o céu continua acinzentado, a cigarra canta triste, a jaó não cansa de apelar – “eu sou jaó”! – e a doce nostalgia, que sempre me acompanha, não me deixa esquecer que todo 7 de setembro é para mim um dia de forte lembrança.

Aqui, neste rio, que se chama 7 de Setembro, neste fim de tarde de um dia 7 de setembro, a canoa desliza pela superfície da água do mesmo modo que o ar quente daqueles dias deslizava sobre a copa das árvores e balançava os nossos cabelos revoltos. Também, do mesmo modo que o vento e a canoa, deixei que aquelas imagens antigas deslizassem pela minha memória como se fosse um filme inesquecível que ficara gravado para sempre na minha alma. Aquelas paisagens insólitas, mesmo carcomidas pelo fogo, e aquela alegria compartilhada por minha irmã, são para mim uma espécie de segunda alma. No fim da tarde desse 7 de setembro de cinquenta anos depois eu observo do alto da sacada do pequeno chalé o fim do dia que, como naqueles tempos, começou acinzentado. Ouço o canto triste da jaó e presencio o pouso do jacu no meio da clareira. Foi sublime. Pensei que fosse para cortejar a namorada, que não quis descer do galho alto; foi simplesmente para proteger o seu filhote de um gavião real que rondava por ali. Mas, o que mais me chamou a



www.observatoriogeogoiias.com.br

atenção nesse fim de tarde foi o canto da jaó. Antes, à chegada da noite, ela soltava os seus últimos acordes e depois não mais se ouvia o seu lamento. Hoje, ela perdeu a noção do tempo, canta a todo instante. Por aqui o machado e o fogo também já consumiram quase toda a mata em que a jaó tem a sua morada. Nem mesmo o canto da cigarra, que enche o céu de uma melodia saudosa nos fins de tarde, foi ouvido como deveria ser. A jaó perdeu a noção do tempo e, com ele, o encantamento de há cinquenta anos”.

Chalé Palacin (Xingu), 7 de setembro de 2001

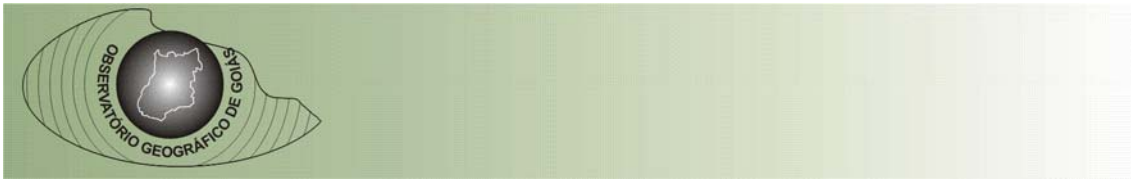
P.S. – Esta memória foi escrita com o pensamento voltado para meus netos Bruno, Beatriz, Marina e Marília que estão apenas despertando para a vida e para o mundo. Bruno tem 4 anos, Beatriz tem 3, Marina tem 1 e Marília tem apenas 1 mês de idade. O que me reconforta – e é o que mais desejo – é a de que eles certamente terão uma relação com a natureza diferente da que teve com ela a minha geração. Em sua realização um apalavra grandiosa – compromisso – não me deixou esquecer que fora da relação ética que deve existir entre o indivíduo e a natureza, não há como construir futuro algum. Que eles redescubram, como diziam grandes homens como Kant e Rousseau, a Terra como sua moradia e também o sentido profundo de sua história como história terrestre e que, como os índios, mantenham com a natureza – as águas, as terras, os vento, enfim, tudo o que eles abrigam e dão vida – uma relação lúdica, prazerosa.

Bibliografia

GOMES, Horieste, TEIXEIRA NETO, Antônio & BARBOSA, Altair Sales (2004) Geografia: Goiás-Tocantins. 2a ed. Goiânia: Editora UFG.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. & CHABOT, Georges. (1963). *Traité de Géographie Urbaine*. Paris: Presses Universitaires de France.

BRAUDEL, Fernand (1989). *A Identidade da França*. Trad. Lygya A. Watanabe. 3 volumes: I. Espaço e História; II. Os homens e as coisas; III. Os homens e as coisas. São Paulo: Ed. Globo. PRADO Jr., Caio (1983). *História econômica do Brasil*. 29a ed. São Paulo: Editora Brasiliense.



www.observatoriogeogoiias.com.br

SILVA e SOUZA, Pe. Luiz Antônio da (1967). O descobrimento da Capitania de Goiás. 1812 (Reedição). Goiânia: Editora da UFG.

RAMOS, Rita Alcida (1988). Sociedades indígenas. 2a ed. São Paulo: Ática. (Série Princípios).

SORRE, Max. (1955). Fundamentos biológicos de la Geografía. Barcelona: Ed. Juventud S.A.

TEIXEIRA NETO, Antônio (2002a). Os caminhos de ontem e de hoje em direção a Goiás-Tocantins. Bol. Goiano de Geografia, Goiania, v. 21, no. 1-2

TEIXEIRA NETO, Antônio (2002b). O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org). Abordagens geográficas de Goiás. O natural e o social na contemporaneidade. Goiânia: Editora UFG.

VALENTEI, D. (1987). Leis históricas da população. Trad. Manuel J. M. Pinto. Moscou: Ed. Progresso.